



Lotman de visita ao “Alto Douro Vinhateiro”, património da humanidade: analisando a mais antiga região vinícola do mundo à luz da teoria semiótico-cultural

Paulo Teixeira Costa¹

Resumo: A Região Demarcada do Douro (Portugal), a mais antiga, maior e mais heterogénea região vinícola do mundo, foi criada em 1756. Desde aí tem vivido um contínuo processo de evolução, sendo de destacar os efeitos positivos da entrada de Portugal na União Europeia e, sobretudo, a mais recente classificação do Alto Douro Vinhateiro como Património Mundial pela UNESCO. Mas como vive a região o seu dia a dia, como se organiza, que relações são estabelecidas dentro dela e fora dela, como se concretizam, como e quem detém o poder, que momentos na sua história causaram mudanças, quais os seus efeitos, como influenciaram o seu desenvolvimento? O objetivo base deste trabalho é analisar e interpretar a Região Demarcada do Douro, e assim responder a estas questões, recorrendo à teoria semiótico-cultural de Iuri Lotman, numa abordagem inovadora, incidindo em especial sobre conceitos essenciais como semiosfera, fronteira, centro e periferia, explosões e tradução. Foi possível identificar na sua estrutura, organização e vivência, nas relações que se estabelecem dentro dela e fora dela, as principais características do pensamento de Lotman, nomeadamente ao nível das fronteiras, do centro e da periferia, das explosões e da tradução. São ainda apontados caminhos a seguir pela Região no futuro, à luz dos princípios da semiosfera lotmaniana.

Palavras-chave: Teoria Semiótico-cultural; Iuri Lotman; Semiosfera; Alto Douro Vinhateiro; Património da Humanidade.

Lotman visiting the “Alto Douro” Wine Region: analysing the oldest winemaking region in the world using the semiotic-culture theory

Abstract: The Douro Demarcated Region (Portugal), the oldest, largest and most heterogeneous wine region in the world, was created in 1756. Since then, there has been a continuous process of evolution, with the positive effects of Portugal's entry into the European Union and, above all, the latest classification of the Alto Douro Wine Region as a World Heritage Site by UNESCO. But how does the region live its daily life, how it is organized, what relations are established inside and outside it, how those relations take place, who has the control, which moments in the history of this region have caused changes, what influenced its development? The objective of this study is to analyze and interpret the Douro Demarcated Region, and thus to answer these questions, using Iuri Lotman's semiotic-culture theory, in an innovative approach focusing especially on essential concepts such as semiosphere, frontier, center and periphery, explosions and translation. It was possible to identify the main features of Lotman's thinking, namely at the level of borders, center and periphery, explosions and translation, in his structure, organization and experience. Some paths that should be followed by the Region in the future are also pointed, inspired by the principles of the lotmanian semiosphere.

Keywords: Semiotic-culture Theory; Iuri Lotman; Semiosphere; Alto Douro Vinhateiro; World Heritage.

Introdução

Em 1756 foi criada a Região Demarcada do Douro - RDD, a mais antiga, maior e mais heterogénea

¹ Universidade de Aveiro; Departamento de Línguas e Cultura. paulostcosta@ua.pt

região vinícola do mundo, marcada por vales profundos com encostas íngremes ao longo do percurso do Rio Douro e seus afluentes. Desde esse momento, tem vivido um contínuo processo de evolução, sendo de destacar os efeitos positivos da entrada de Portugal na União Europeia em 1986 e, sobretudo, a classificação do Alto Douro Vinhateiro como Património Mundial pela UNESCO em 2001.

Neste território de beleza paisagística única, com uma enorme riqueza cultural, o dia a dia é marcado pela labuta de milhares de pessoas ligadas à produção de vinho, seja o mundialmente reconhecido Vinho do Porto, seja, mais recentemente, os multipremiados vinhos de mesa, tintos, brancos ou rosés, colocados nas boas mesas do mundo.

Agricultores, produtores, adegas, associações, empresas, entidades, autarquias, todos estão unidos pela mesma causa e pelos mesmos objetivos: o seu sucesso individual, mas também o sucesso da região, agora Património da Humanidade.

Mas como vive a região o seu dia a dia, como se organiza, que relações são estabelecidas dentro e fora dela, como se concretizam, como e quem detém o poder, que momentos na sua história causaram mudanças, quais os seus efeitos, como influenciaram o seu desenvolvimento?

O objetivo deste trabalho é analisar e interpretar a RDD, e assim responder a estas questões, recorrendo à teoria semiótico-cultural de Iuri Lotman, nomeadamente à luz da semiosfera lotmaniana. Para isso, e através de uma revisão de literatura incidindo sobre artigos publicados sobre Iuri Lotman, assim como sobre a RDD, recolhidos através de pesquisas em bases de dados como a Scopus e Web of Science, começaremos por nos deixar impregnar pelo pensamento de Iuri Lotman, abordando muito brevemente o seu percurso e evolução de pensamento, para nos determos depois em particular na semiosfera, abordando em especial conceitos essenciais como a fronteira, centro e periferia, explosões e tradução.

Após esta primeira parte, apresentaremos o Alto Douro Vinhateiro, nomeadamente a sua evolução histórica, as suas características principais, organização e atores. Ao longo desta descrição vamos estabelecendo paralelos com o pensamento de Lotman, e assim interpretar esta região entendendo-a como uma semiosfera. Terminaremos com as Notas de Conclusão e Referências Bibliográficas.

Este estudo assume um papel inovador, ao integrar uma extensa revisão de literatura acerca de Iuri Lotman, analisando, interpretando e condensando os múltiplos olhares de diversos autores à sua obra, mas sobretudo por ter como principal objetivo a análise e interpretação de uma região geográfica, e cultural, à luz do pensamento de Lotman.

O pensamento de Iuri Lotman

Iúri Mikháilovitch Lotman (1922-1993) nasceu numa família de intelectuais de S. Petersburgo de origem judaica. Ao contrário do que se possa pensar, na escola demonstrou um particular interesse pelo estudo dos insetos, cujo universo, que definia como misterioso e assustador, o fascinava, e cujo conhecimento lhe serviria no futuro como base e material para a análise da cultura humana (VÓLKOVA AMÉRICO, 2013).

Viria, contudo, a ficar conhecido pelos seus estudos na área da literatura e da cultura, sendo a sua atuação tão ampla que a torna difícil de definir com exatidão: semioticista, estudioso da literatura e cultura,

historiador? Provavelmente tudo isto, o que não seria de estranhar, pois, segundo o próprio Lotman, a interdisciplinaridade constitui o caminho através do qual é possível obter uma visão mais completa da realidade (GHERLONE, 2013).

Lotman finalizou os seus estudos (em filologia) na Universidade de Leningrado em 1950, com grande sucesso, sendo por isso natural que se lhe augurasse uma brilhante carreira de professor nas melhores universidades soviéticas. Contudo, em virtude da campanha ideológica que marcou os últimos anos do governo estalinista, viria, tal como outros intelectuais judeus, a ser perseguido, o que o obrigou a procurar uma instituição longe do centro político e das principais cidades da União Soviética (VÓLKOVA AMÉRICO, 2013).

Esta decisão de recomeçar a sua vida levou-o à pequena cidade de Tartu, na Estónia, motivado pela impossibilidade de poder lecionar nas maiores universidades soviéticas; ao facto de as repúblicas bálticas (Estónia, Letónia e Lituânia), as últimas a juntarem-se à União Soviética, simbolizarem, de certa forma, a cultura ocidental e o próprio Ocidente, a Europa, o que, num ambiente de fortes restrições à circulação de cidadãos, era algo extraordinário e único; à distância destas ao centro político, o que significava um menor controlo político e, conseqüentemente, maior liberdade de expressão e criação; e à longa história da Universidade de Tartu, fundada em 1632, um século antes da fundação da primeira universidade em Moscovo (VÓLKOVA AMÉRICO, 2013).

Foi precisamente no âmbito das suas atividades docentes e das suas pesquisas nesta universidade, sobretudo no contexto dos estudos desenvolvidos pela Escola Semiótica de Tartu-Moscovo, por si liderada de forma não oficial, que se desenvolveu a semiótica da cultura lotmaniana (VÓLKOVA AMÉRICO, 2017).

São habitualmente identificadas duas etapas principais na obra teórica de Lotman. A primeira, “tectónica”, “neoestruturalista”, foi construída até meados dos anos 70 (Baptista, 2008). Foi durante esta fase que a semiótica da cultura lotmaniana se foi construindo, sob uma forte influência da Escola, nomeadamente no que diz respeito aos seus principais conceitos e à delimitação da semiótica como uma nova ciência (VÓLKOVA AMÉRICO, 2017). A segunda, já nos anos 80 (e até à sua morte em 1993), ficou marcada pela evolução do seu pensamento para algo mais “dinâmico”, numa espécie de “pós-neoestruturalismo”, cujo conceito chave seria então o de “semiosfera” (BAPTISTA, 2008). O conceito “texto” deixa assim de ser aplicado apenas para diferenciar o “texto linguístico” do “texto literário”, é ampliado e passa a abarcar as mais variadas manifestações da cultura humana, o que resulta na consolidação da noção de “texto da cultura” (VÓLKOVA AMÉRICO, 2017). Nesta segunda fase, Lotman vê então cada vez mais o texto entendido em sentido muito lato, e a cultura como algo ativo, dinâmico e internamente contraditório, capaz de gerar sentido e não como mero recetáculo deste (Baptista, 2008), entendida como um sistema de relações semióticas entre o homem e o mundo (incluindo as outras pessoas), podendo esta relação ser percebida como um diálogo (TAMM, 2017), cuja importância iremos ver mais à frente.

Para Vólkova Américo (2016) a semiótica, no início, apresentava-se como um pensamento acerca do signo², caminhando depois para a geração de textos, para a sua interpretação, e para a variação das

² “Segundo o filósofo e matemático americano Charles Peirce (1839-1914), o signo é uma representação mental, que permite que alguém conheça um objeto da realidade. Segundo Peirce três elementos compõem o signo: o representante, o objeto referente e o interpretante. Ou seja, a representação de algo, que é o signo em si mesmo, o estímulo para compreensão de algo, e por fim aquele que juntará a representação, o estímulo e interpretará na sua mente, o objeto.” (MEDEIROS, 2016, p. 62).

interpretações, para as pulsões produtivas, para o próprio prazer da semióse.

Importa referir que esta abordagem ao estudo da semiótica, significou o romper com um estabelecido modelo de “engenharia” do estudo semiótico da realidade, propondo uma nova abordagem, baseada no poliglotismo científico, visto não como uma falta epistemológica de sistematização e unificação, mas como a própria natureza da ciência, que, como a arte, que para Lotman constituiu sempre o paradigma linguístico da dinâmica cultural, é, ao mesmo tempo, una e poliédrica (GHERLONE, 2013).

O princípio central da semiótica de Lotman reside no isomorfismo cultural, que defende que todas as entidades semióticas, desde a consciência individual à totalidade da cultura humana, se baseiam em mecanismos heterogêneos de geração de sentido, assim como na assunção que a cultura constitui um texto excepcionalmente complexo, composto por textos dentro do texto (SEMENENKO, 2016).

A semiosfera de Lotman

Na sua teoria semiótico-cultural, Lotman analisa os espaços diferentes de cultura humana, que podem ser nações, regiões, e até mesmo subculturas ou grupos pequenos, como famílias, constituindo-se todos eles como grupos ou espaços que se organizam através da mediação de sinais e, com isso, produzem linguagem, símbolos próprios e únicos para o grupo (STEFFENS & DANTAS, 2016). Este é o espaço da semiótica, teoria geral das representações, que leva em conta os signos sob todas as formas e manifestações que assumem (linguísticas ou não), ou seja, a semiologia, sendo esta o estudo dos signos dentro da linguística (MEDEIROS, 2016).

Para compreender a sua organização, colocando em causa os fundamentos epistemológicos das duas principais tradições semióticas, a escola de Pierce e Morris, de um lado, e a escola estruturalista, de Saussure ao Círculo de Praga, do outro³, introduz o conceito de semiosfera, que, segundo Noth (2006), diz respeito à estrutura semiótica da cultura humana, assim como à própria cultura. A introdução deste conceito é o resultado da caminhada de Lotman de uma abordagem formal e estrutural ao estudo da cultura, à propositura de uma visão mais orgânica (GHERLONE, 2016).

Steffens e Dantas (2016) referem-se à semiosfera como sendo um espaço da cultura humana, mediado através de sinais, os quais produzem novos sinais culturais pela própria cultura e, ao mesmo tempo, possibilitam a existência das culturas mediante a comunicação de linguagem. Cada humano, como sistema próprio, representa uma semiosfera, assim como participa da semiosfera da própria família e da própria cultura.

Importa aqui referir que a cultura, elemento basilar do pensamento de Lotman, é por si compreendida como uma memória coletiva e um mecanismo pensante na sua dinamicidade e na sua complexidade, envolvendo os eixos principais dos seus estudos: semiosfera, sistemas, linguagens, códigos, codificação, memória, fronteiras, tradução (ROSÁRIO & AGUIAR, 2014). Lagopoulos e Boklund-lagopoulou (2014) vão mais longe, afirmando que a cultura é o objeto da semiótica, é o seu espaço, explicada pelo ato da comunicação, sendo idêntica à própria semiosfera.

³ Às quais Lotman apontava o mesmo erro, o de tomarem, como ponto de partida, um fenómeno isolado, considerando-o o mais simples e, a partir dele, desenvolvem conceitos mais amplos (KIRCHOF, n.d.)

Já Radford (2008) designa semiosfera como um espaço multicultural desigual, de processos de construção de significado e de entendimento, gerados pelos indivíduos à medida que eles passam a conhecer-se e a interagir uns com os outros.

Em todas estas definições encontramos dois elementos muito importantes no pensamento de Lotman, a cultura e a comunicação, que mais à frente abordaremos.

Segundo Biedarieva (2016), qualquer cidade forma uma semiosfera, sendo esta uma espaço semiótico unificado, um sistema que consiste em textos e linguagens, em permanente interação. A semiosfera como sistema consiste num grupo de semiosferas interconectadas como subestruturas (linguagens), podendo ser identificada a existência de três funções: a transmissão de informações (troca), a criação de novas informações (processamento) e a preservação e reprodução de informações (armazenamento), ou seja, memória (LAGOPOULOS & BOKLUND-LAGOPOULOU, 2014).

Pode-se dizer que a semiosfera da humanidade está para o indivíduo como a biosfera está para cada ser biológico (Steffens & Dantas, 2016). Esta associação entre biosfera e semiótica em Lotman é também referida por outros autores como Henn (2005), que refere que o trabalho fundamental da cultura consiste em organizar estruturalmente o mundo que rodeia o homem, assumindo-se esta como um gerador de estruturalidade, criando à sua volta uma sociosfera que, da mesma maneira que a biosfera, torna possível a vida. Medeiros (2016) defende que, enquanto que na primeira se assiste à transformação de energia solar em energia química e física e da matéria inerte em matéria viva, na segunda, de modo semelhante (e metafórico), as linguagens criam vida, ou seja, novos significados.

O uso de metáforas constitui precisamente uma das principais características de Lotman, que utiliza frequentemente imagens de espaços abertos de dimensões galácticas, imagens de territórios fechados separados por fronteiras, espaços encerrados em espaços como uma *matrioska* ou espaços refletindo outros espaços dentro deles, como espelhos refletindo o espaço em que estão imersos, sendo, em última análise, as próprias metáforas semiosferas que representam imagens mentais através de sinais verbais (NOTH, 2006).

Também Baptista (2008) faz notar a similitude entre as duas esferas, ao referir que a abordagem da semiótica da cultura resulta da análise das relações entre o homem e o mundo, sendo a semiosfera (definida por analogia com o conceito de biosfera) o domínio em que todo o sistema sóico pode funcionar. E completa afirmando que a comunicação não existe fora da semiosfera, posição corroborada por Noth (2006), que refere que tal constitui um dos axiomas de Lotman. Já Kirchof (n.d.) refere que a semiosfera é o oposto da biosfera, pois enquanto que a segunda compreende o mundo da natureza ainda não organizada a partir de qualquer código ou sistema semiótico, a primeira corresponde ao mundo da semiose, em que funcionam os sistemas semióticos, responsáveis pela comunicação. Este constitui um ato que em Lotman é mais amplo do que a simples transmissão de uma mensagem de um ponto para outro, sendo sim uma tradução de linguagem, condicionada pelo facto de que os códigos dos participantes da comunicação formam conjuntos que se interseccionam, sendo esta interseção o modelo comunicacional mais adequado na interpretação de Lotman (ROSÁRIO & AGUIAR, 2014).

Segundo a teoria de Iuri Lotman, a semiosfera possui como um dos seus traços distintivos a delimitação de limites e espaço vigente (Silva, n.d.), que implica, segundo Baptista (2008), a sua homogeneidade e

individualidade, assim como um certo grau de fechamento, o que significa uma ausência de contacto quer com os não-textos, quer com os textos alo-semióticos, que, para adquirirem algum sentido, terão de ser traduzidos numa das linguagens do espaço interno, sofrendo um processo de semiotização.

Este carácter homogéneo e original de uma semiosfera permite defini-la como tal e diferenciá-la das outras, sendo que qualquer semiosfera necessita de outra para definir a sua essência e os seus limites (VÓLKOVA AMÉRICO, 2017).

Esta estrutura finita do universo semiótico, estabelecida dentro da sua organização interna, sugere a existência de fronteiras, de carácter abstrato (SILVA, n.d.), que, na semiosfera, desempenham uma função fundamental (VÓLKOVA AMÉRICO, 2017).

Fronteira e fronteiras

A fronteira do espaço semiótico é uma posição funcional e estrutural muito importante, que, segundo Vólkova Américo (2017) ou Noth (2006), desempenha simultaneamente duas funções. Em primeiro lugar, limita a invasão incontrolável dos elementos “alheios”. Em segundo lugar, alguns dos elementos “alheios” são selecionados, filtrados e adaptados (ou traduzidos) para a linguagem da semiosfera em questão e vice-versa (MEDEIROS, 2016). Esta função ora de permeabilidade e troca, ora de isolamento do espaço interno, é igualmente referida por Baptista (2008).

A fronteira, segundo Silva (n.d.), faz com que a pessoa semiótica tome consciência de si mesmo em relação ao outro, assim como do seu papel dentro da estrutura, por exemplo através de regras e do status. Baptista (2008) refere mesmo que o conceito de fronteira corresponde ao de individualidade semiótica.

Mas este conceito é sobretudo ambivalente, pois, se por um lado separa, por outro une. Uma fronteira divide, mas pertence a ambos os lados das culturas vizinhas, a ambas semiosferas fronteiriças, sendo sempre bilíngue ou polilíngue (STEFFENS & DANTAS, 2016). Esta ambivalência, ou ambiguidade, da fronteira é igualmente advogada por Medeiros (2016) e Vólkova Américo (2017). Torop (2017) refere a existência deste conceito de interno e externo em Lotman, comunicações internas e externas, poliglotismo interno e externo e memória da cultura interna e externa.

É através da existência das fronteiras que se faz a distinção entre o espaço interior e o exterior da semiosfera, pela qual o sistema mantém a sua própria identidade, ou individualidade, e que se produz, assim, a existência de um “Nós” e um “Eles” (STEFFENS & DANTAS, 2016). De facto, o conceito de semiosfera, bem como a noção de fronteira, tem origem nas oposições basilares da cultura humana: a divisão do mundo em “nosso” e “alheio”, “cosmos” e “caos”, em que o espaço culturalizado da semiosfera é percebido como ordenado, organizado e seguro, enquanto que o espaço externo é visto como desorganizado e caótico, podendo ser definido até mesmo como uma não-cultura (VÓLKOVA AMÉRICO, 2017). A mesma autora refere ainda a existência de diversas tipologias de fronteiras, que poderão ser de ordem geográfica, histórica ou temporal.

Também Steffens e Dantas (2016) se referem à componente espaço-temporal da fronteira, e sobretudo à importância do seu entendimento. Os sistemas encontram-se em permanente mudança

estrutural, movendo-se no espaço e no tempo e influenciando-se mutuamente, constituindo-se a fronteira espacialmente como relação e temporalmente como processo. Defendem ainda que a fronteira não pode ser vista apenas como um espaço de fechamento e exclusão, mas sim potenciador de contactos sociais, assim como de diálogo, que para Lotman constitui o mecanismo elementar da tradução (Lagopoulos & Boklund-lagopoulou, 2014), entendido como um processo de mediação entre os sistemas, por vezes conflitantes, e com a possibilidade de intercâmbio entre textos e mensagens (KIRCHOF, n.d.).

O diálogo, necessário até para a mais pequena conexão, é de facto a porta de entrada na semiosfera, sendo, contudo, um processo mais complexo do que à primeira vista pode parecer, já que, por exemplo, para que este se estabeleça entre duas teorias, é necessário que as duas façam um esforço para se fazer entender e para entender a outra (RADFORD, 2008). Ao mesmo tempo que um diálogo sem a diferença semiótica não faz sentido, a diferença absoluta também não permite a existência de um diálogo (STEFFENS & DANTAS, 2016). No caso do ser humano tal processo revela-se especialmente complexo, quando comparado por exemplo com a comunicação entre animais irracionais. A comunicação entre humanos pressupõe sempre um conflito entre a memória individual e coletiva, entre as várias linguagens individuais, o mesmo se passando, por exemplo, quando pensamos nos comportamentos animais em relação aos humanos, em que os primeiros são mais previsíveis, mais ritualistas, o que já não acontece com os últimos, mais imprevisíveis, sendo condicionados, ou orientados, mais para e pelo passado, presente ou futuro (SEMENENKO, 2016).

Em Lotman a fronteira apresenta-se como um fenómeno móvel, pois tudo depende do ponto de vista do observador. Se ele for externo, provavelmente julgará que alguns elementos fronteiriços, considerados pela própria semiosfera como alheios, na verdade também fazem parte dela (VÓLKOVA AMÉRICO, 2017).

A interação com o ambiente, ou seja, com outros sistemas vivos, provoca perturbações na fronteira. Caso exista uma situação estável, essas perturbações poderão ser interpretadas pelo sistema e integradas como informação nova na dinâmica interna, mudando-a, numa lógica de influência permanente e recíproca (Steffens & Dantas, 2016), cabendo à fronteira semiotizar o que vem de fora e transformá-lo em informação, através daquilo que se pode definir como um mecanismo *buffer* (BAPTISTA, 2008).

Contudo, poderão não ser aceites e recebidas de forma pacífica, ocorrendo ao invés num ambiente de combate e disputa, ainda que inconsciente, sendo possível, segundo Medeiros (2016), identificar este comportamento nos diversos movimentos artísticos e culturais, que romperam com fronteiras de tempo e de espaço, dando como exemplo fenómenos como o Renascentismo, o Barroco, o Classicismo ou o Romantismo. O conceito lotmaniano de fronteira, elemento fulcral da semiosfera, responsável pela sua renovação, pode assim ser aplicado a diversas culturas e linguagens artísticas, em que todo o artista, toda a cultura anseia pelo “outro” para se definir (VÓLKOVA AMÉRICO, 2017).

Mas este conceito pode igualmente, como já atrás foi referido, ser aplicado a um conjunto diverso e diversificado de dimensões. Uma família, pela sua homogeneidade, e também identidade e individualidade, é ela própria uma semiosfera, surgindo a fronteira quando ela entra em contacto com outra família (MEDEIROS, 2016). Contudo, quando alguém dentro da família, após este contato com outra, começa a pensar e a compreender o mundo de forma diferente, respeitando a individualidade semiótica, nasce uma nova fronteira individual, ou mais do que uma, dentro da própria família. Ou seja, surge uma semiosfera dentro de outra semiosfera, que vai desencadear necessariamente uma fronteira de semiosferas

(MEDEIROS, 2016). Nenhuma semiosfera é monolítica, requerendo a existência de inúmeras fronteiras internas que a atravessam e dividem em unidades autónomas, cada uma com a sua própria produção de sentido (BIEDARIEVA, 2016).

Esta perspetiva é completada por Vólkova Américo (2017), ao defender que o espaço semiótico não apenas é caracterizado por uma certa homogeneidade e individualidade semiótica, mas igualmente, e em simultâneo, pela sua heterogeneidade, ao ser composto por estruturas conflitantes, ou por Merrell (2003), ao considerar que a mesma se deve ao facto de as linguagens que preenchem o espaço semiótico serem diversas e se relacionarem umas com as outras ao longo do espectro, que vai da completa traduzibilidade mútua até à completa intraduzibilidade.

Steffens e Dantas (2016) acrescentam ainda que cada semiosfera está dividida em várias sub-semiosferas, sendo que cada uma tem suas próprias fronteiras, estabelecendo um paralelo com a sociedade, que tem vários movimentos de sistemas parciais.

Centro e periferia

Interpretando a semiosfera numa perspetiva de espaço físico, podemos estabelecer na sua composição um paralelo com o modo como foram, ao logo de milénios, tradicionalmente construídas as povoações e as cidades, refletindo a estrutura cósmica e resultando na tendência do centro da povoação ser ocupado por construções mais importantes do ponto de vista religioso e administrativo, enquanto que na periferia encontramos os grupos sociais menos valorizados (VÓLKOVA AMÉRICO, 2017).

É então no centro da semiosfera onde se encontram os sistemas dominantes (ROSÁRIO & AGUIAR, 2014), onde a cultura ou a sociedade definem as suas normas sociais e quem não obedecer ou não se adequar às normas estabelecidas, será empurrado cada vez mais para a periferia (STEFFENS & DANTAS, 2016). Ainda segundo os mesmos autores, é a partir desta distinção entre uma periferia semiótica e um centro semiótico na semiosfera, que se produz uma estrutura hierárquica dentro da mesma. Contudo, atendendo a que quanto mais uma pessoa se encontra próxima da periferia, maior será sua diferença semiótica em relação ao centro, e quanto maior for a sua diferença semiótica com o centro, mais difícil será participar na construção dessas semiosferas, a possibilidade de conflitos semióticos entre a periferia e o centro tem tendência a aumentar.

Vólkova Américo (2017) reforça e completa esta ideia de instabilidade da formação da semiosfera, afirmando que as linguagens e os textos culturais encontram-se em constante diálogo, multiplicando-se e disputando o lugar central, salientado ainda que, como os processos que ocorrem na periferia, ou seja, próximos da fronteira, por isso em contacto permanente com o espaço alheio, são mais dinâmicos e os que acontecem no centro (núcleo) são mais estáveis, com o tempo tenderão a ocupar o centro da semiosfera e então os textos “centrais” tornam-se periféricos.

Assim, só através deste contacto social na fronteira, que constitui o lugar da nova produção semiótica, o lugar da novidade que sempre vem do mundo externo - outro homem, outro pensamento, outro sistema cultural - e se configura como imprevisível e criador de descobertas (GHERLONE, 2013), e também de resistência ao poder e às normas do centro, é possível manter a dinâmica interna e a mudança estrutural

permanente do sistema, assegurando o centro a necessária estabilidade (STEFFENS & DANTAS, 2016).

Também Henn (2005) aborda esta dualidade entre estabilidade, que conserva o sistema, e instabilidade, que gera as transformações e as criações, referindo um outro conceito muito importante em Lotman que é o de explosão, conceito filosófico e não físico, essencial para a inovação e para o pulsar da semiosfera.

As explosões constituem momentos de rutura, que convivem com processos de desenvolvimento gradual, dentro de um único sistema, estando estes momentos, e mecanismos, de explosão associados ao conceito de acaso, que autores como Rosário e Aguiar (2014) ou Tamm (2017) referem como elemento chave, sendo impossível à mente humana prever a casualidade, constituindo então esse um poderoso e instantâneo instrumento da providência. Também Vólkova Américo (2013) refere o carácter ocasional desses momentos, ou explosões, estabelecendo uma analogia com os acontecimentos históricos ocorridos na Rússia, como as revoltas, golpes e revoluções. No caso deste país em particular, a propensão para a existência de tais explosões é explicada em parte pelo facto de estarmos na presença de uma sociedade dotada de uma estrutura binária, que vive uma constante oscilação entre dois polos totalmente opostos, em que os momentos de viragem são sempre marcados por uma explosão cultural, seguida pela completa destruição de todos os vestígios da ordem antiga para dar lugar a um novo modelo.

Para o sucesso do contacto social estabelecido na zona de fronteira, de carácter extrassemiótico, importa introduzir o conceito de tradução, designação dada por Lotman ao processo da receção de uma nova informação, vinda do espaço fora da semiosfera, comparando os pontos fronteiros da semiosfera aos recetores sensoriais, que traduzem os sinais externos para a linguagem do nosso sistema nervoso (VÓLKOVA AMÉRICO, 2017).

A tradução constitui um elemento de enorme importância, motivo pelo qual o próprio Lotman a designa como um mecanismo primário de consciência (MERRELL, 2003). A consciência em Lotman é também referida por José Rebelo (2006). Segundo este autor, a recordação e a predestinação, o antes e o depois, constituem os dois pilares de uma espécie de normalização a que Lotman chama “processo de consciência”: passagem do fortuito ao regular, do estranho ao normal, do imprevisível ao inevitável. O processo de tradução acontece devido à existência de um filtro bilingue, que simultaneamente estabelece as fronteiras da semiosfera e as torna a juntar (BIEDARIEVA, 2016).

Assim, os que vivem nas áreas de fronteira tornam-se tradutores de dois mundos (MEDEIROS, 2016), vivendo numa zona bilingue, alimentando contactos muito frequentes com o exterior e desenvolvendo intensos processos comunicativos e de troca (BAPTISTA, 2008), que, como vimos, são essenciais para a vida, presente e futura, de cada semiosfera.

O Alto Douro vinhateiro como semiosfera

A Região Demarcada do Douro constitui a mais antiga região vitícola demarcada e regulamentada do mundo, remontando as suas origens a 1756 (F. DE SOUSA, 2007), constituindo igualmente a maior e mais heterogénea, marcada por vales profundos com encostas íngremes ao longo do percurso do Rio Douro e dos seus afluentes (LOURENÇO-GOMES, PINTO & REBELO, 2015).

Se bem que a vinha em todo o Vale do Douro remonte à Antiguidade, é a partir do século XVI que a viticultura de qualidade, com objectivos comerciais, assume importância crescente na zona que virá a tornar-se, no século XVIII, a Região Demarcada do Douro. Foi sobretudo com a assinatura do Tratado de Methuen, em 1703, através do qual o Vinho do Porto passou a beneficiar de taxas aduaneiras preferenciais na exportação para Inglaterra, que os vinhos daquela região conheceram um forte desenvolvimento. A rigorosa regulamentação pombalina de protecção aos vinhos do Douro levou à identificação do território alto-duriense como o «país vinhateiro» ou «região do vinho do Porto», configurando, desde o século XVIII, uma vocação económica e cultural específica e fixando o sistema de relações entre o Porto e o *hinterland* duriense. Desde então, e até aos nossos dias, as vicissitudes da viti-vinicultura e do comércio de vinhos do Porto têm dominado a história da região (SOUSA, 2007, p. 19).

Nesta muito breve descrição geográfica e histórica da RDD, poderemos encontrar nela diversos traços, próprios e distintivos, que, se nos deixarmos envolver pelo pensamento de Lotman, que ao longo das páginas anteriores descrevemos, mesmo que de forma sucinta, nos levam a entendê-la como se tratando de uma semiosfera.

Assim, podemos desde logo identificar a existência de um espaço de cultura humana, neste caso um espaço geográfico, com fronteiras administrativas definidas (a delimitação da RDD), assim como com regras determinadas, talhado pela natureza e pelo homem. Encontramos igualmente uma identidade (“região do Vinho do Porto”) e memória e tradições próprias, que giram grandemente em torno da cultura da vinha e do vinho, que lhe conferem homogeneidade. É possuidor de características únicas, como é o caso da sua orografia, marcada por uma grande heterogeneidade, que o diferenciam relativamente a outros e que criam, assim, a sua individualidade.

Neste excerto de texto identificamos ainda duas referências muito importantes e com enorme significado em Lotman. Desde logo a existência de um momento de explosão, de rutura, que foi a criação da RDD, em 1756, causando uma alteração significativa em toda a região, com efeitos económicos e seguramente também sociais, que mexeram com a sua organização interna e hierarquias. Notamos ainda a existência de relações desta região com a cidade do Porto, que poderemos identificar como sendo outra semiosfera, funcionando aqui o Rio Douro como elemento de ligação física, mas sobretudo de comunicação entre as duas.

A dinâmica desta região continuou bem forte nas décadas seguintes, constituindo os anos 90 do séc. XX um ponto importante de viragem no modelo de comercialização do vinho produzido na região, que viu aumentar de forma relevante o seu número de atores.

Foi somente na década de 1990 que alguns produtores de uvas começaram a desenvolver os seus próprios rótulos e a engarrafar os seus vinhos, em vez de vender as uvas para os expedidores de vinho do Porto, como haviam feito durante quase dois séculos. [...] A estratégia seguida por esses novos produtores de vinho foi baseada no conceito de *terroir* como um ponto de diferenciação para nichos de mercado, quando o marketing é feito por meio de eventos, *press releases* e interações com especialistas em vinhos (LOURENÇO-GOMES *et al.*, 2015, p. 80, tradução nossa)

Não se tratando verdadeiramente de um momento de explosão, como o que aconteceu no séc. XVIII, causou seguramente um situação de tensão dentro da semiosfera RDD, com o surgir de novos protagonistas, que passaram a concorrer entre si, mas também com a semiosfera Porto, pois esta nova prática constituiu um corte com uma tradição de dois séculos, e que envolvia as duas semiosferas, constituindo uma forma de diálogo entre ambas. Importa, contudo, perceber que esta região integra uma região mais vasta, Portugal, que por sua vez integra outra ainda mais vasta, a Europa. Ou seja, cada uma delas, constituindo *per si* uma

semiosfera, pertence simultaneamente a outra, ou outras, o que obriga a um conjunto permanente de interações, de comunicações, de diálogos, de tensões e de conflitos.

Até o início da década de 1990, a produção, o consumo e a exportação mundiais de vinhos eram dominados pelos países do sul da Europa, o chamado “Velho Mundo”, particularmente França, Itália, Espanha e Portugal. No entanto, nas últimas três décadas, coincidindo com o aumento da globalização do mercado, a supremacia desses países no mercado mundial de vinhos tem sido ameaçada pelo chamado “Novo Mundo”, que inclui países como Austrália, EUA, Chile, Argentina, África do Sul e Nova Zelândia (REBELO & CALDAS, 2013, p. 19, tradução nossa).

Já neste século, assistiu-se ao aumento da oferta disponível na região, com o surgir de novas indústrias e novos produtos.

[...] tendo em conta as suas características históricas e físicas, a DDR é uma região onde a indústria do vinho está, por natureza, ligada ao património cultural e ao turismo. Com efeito, a beleza do mosaico da paisagem do Douro, juntamente com a navegabilidade do rio Douro, do Porto à fronteira espanhola, resultou, durante a última década, numa crescente procura no sector do turismo, incluindo o turismo fluvial (REBELO & CALDAS, 2013, p. 25, tradução nossa).

Em linha com o que foi dito, tratou-se de mais um exemplo da dinâmica da região, com impactos vários, e que assinalou igualmente a chegada, de forma significativa, de novos elementos, vindos de outras semiosferas, e constituindo eles próprios semiosferas, trazendo nova informação: os turistas. Nesta lógica, poderemos entender as empresas turísticas como tradutores da semiosfera, que recebem os visitantes no território e que fazem a ligação entre os dois. E também dentro no território, julgamos correto conferir ao próprio vinho, o seu cerne e o seu ser, igualmente este papel de tradutor, porventura mesmo o principal tradutor. Mas poderemos identificar ainda outros tradutores, que participaram e integraram esta semiosfera, com a curiosidade de, simultaneamente, fazerem parte de outras, muitas vezes concorrenciais.

A especialização na vinicultura de qualidade e a integração de vinhos do Douro nos circuitos internacionais levaram a que o Vinho do Porto se afirmasse em Portugal como o exemplo mais importante, durante o Antigo Regime, da abertura de um sector económico ao sistema capitalista da economia-mundo. Nesse processo, colaboraram:

- na produção, os galegos que, aos milhares, durante séculos, se deslocaram para o Alto Douro, a fim de trabalharem nas plantações da vinha e na construção dos socalcos;
- na comercialização, os exportadores ingleses, uma vez que a Grã-Bretanha, durante dois séculos, foi a principal consumidora do Vinho do Porto (SOUSA, 2007, p. 19-20).

Para além dos já mencionados produtores de vinho e das empresas turísticas, importa referir outros elementos fundamentais destas semiosferas, a sua população.

A Região Demarcada do Douro possui uma população de baixa-densidade (Andresen e Rebelo, 2013), com 236.786 habitantes em 2011, dos quais 22,7% tinham mais de 65 anos. De 2001 a 2011 a região perdeu 7,9% da sua população (LOURENÇO-GOMES *et al.*, 2015, p. 79, tradução nossa)

Ao nível organizativo, que importa conhecer nomeadamente para perceber qual a ordem e hierarquia estabelecidas, assim como a posição de cada entidade dentro semiosfera, encontramos várias.

Desde 1757 até ao presente, a região foi objecto de várias demarcações e o Vinho do Porto conheceu diversas instituições e organismos responsáveis pela sua regulação e fiscalização.

Prevalecem actualmente, como principais instituições, a Casa do Douro, em representação da Lavoura, que mantém uma forte implantação no Douro e é proprietária do cadastro da região, a Associação dos Exportadores de Vinho

do Porto, (que resultou da extinção dos anteriores Grémio dos Exportadores após o 25 de Abril de 1974), hoje Associação das Empresas do Vinho do Porto (AEVP), e o Instituto do Vinho do Porto (IVP), actualmente designado por IVDP (Instituto dos Vinhos do Douro e Porto) como entidade supervisora do Estado, cujo objectivo principal “tem sido o de fiscalizar o processo produtivo, o controlo de qualidade do vinho e da defesa da denominação de origem, tanto em Portugal como no estrangeiro (SOUSA, 2007, p. 20).

Encontramos nestas entidades diversas características, e funções, indispensáveis ao funcionamento da semiosfera. Para além de garantirem a ordem e a estabilidade, nomeadamente através do estabelecimento de regras, o que as coloca no núcleo da semiosfera, são também promotoras do contacto, e diálogo, dentro da região, mas também para fora dela. E constituem igualmente elas próprias semiosferas.

É de salientar igualmente neste excerto, a referência à evolução das fronteiras da região a longo dos tempos, através das diferentes demarcações de que foi sendo alvo. Mas mais importante que a componente geográfica desta evolução, foi seguramente a integração de novas áreas geográficas, nas quais viviam pessoas, com hábitos e práticas diferentes relativamente às restantes, que obrigou a um processo de acomodação e adaptação.

Mas, para além da explosão que significou a criação da Região Demarcada, importa referir outras duas muito importantes, a entrada de Portugal na CEE (agora União Europeia), em 1986, e a classificação do Alto Douro Vinhateiro como Património Mundial em 2001.

Após a entrada de Portugal na UE, em 1986, as empresas começaram a vender vinho em garrafas, especialmente vinhos do Douro. Além disso, a concentração de empresas acelerou-se no sector do Vinho do Porto (Rebelo & Correia, 2008), juntamente com a integração a montante de empresas comerciais, que plantaram novas vinhas e construíram novas instalações. Ao mesmo tempo, os vinhos do Douro viveram uma fase de integração vertical a jusante, uma vez que os maiores produtores de uvas também se tornaram produtores de vinho, produzindo o chamado Vinho da Quinta (REBELO & CALDAS, 2013, p. 30, tradução nossa).

A classificação do Património Mundial⁴ do Centro Histórico do Porto, em 1996, e da região vinícola do Alto Douro, em 2001, reforçou a visibilidade pública e promoveu a atração desta região. O aumento da procura turística foi respondido através de barcos de hotéis e infraestruturas de alta qualidade, como hotéis de charme e unidades de turismo rural associadas à atividade vitivinícola (REBELO & CALDAS, 2013, p. 35, tradução nossa).

Destas duas explosões, terá sido a última a que mais impacto teve na região, e mais alterações promoveu internamente.

Particularmente desde a inclusão da região do Alto Douro Vinhateiro na lista da UNESCO, a fileira do vinho, a existência de património cultural e atividades turísticas associadas, representam uma clara simbiose na região, no sentido de que qualquer alteração num dos campos tem necessariamente um efeito sobre o outro. Além disso, enquanto a integridade do património cultural depende das atividades da vinha e do vinho, o desenvolvimento das atividades turísticas baseia-se em ambas (LOURENÇO-GOMES *et al.*, 2015, p. 85, tradução nossa)

Adivinha-se que este processo de candidatura foi bastante complexo, envolvendo um conjunto vasto de entidades e de pessoas, passando algumas, por esta via, de um lugar de quase desconhecimento para um lugar de notoriedade e destaque, ou seja, passando da periferia para o núcleo, de uma posição de irrelevância para uma de grande relevância.

A candidatura do Alto Douro Vinhateiro a património mundial, cuja iniciativa se deve à Fundação Rei Afonso Hen-

⁴ A Convenção do Património Mundial, Cultural e Natural foi adotada pela UNESCO em 1972 e tem como objetivos garantir o melhor possível a adequada identificação, proteção, conservação, divulgação e transmissão às gerações futuras do património cultural e natural com “Valor Universal Excepcional” (VUE). A categoria de Paisagem Cultural foi adotada pelo Comité do Património Mundial em 1992 (RAMOS & FONSECA, 2014, p. 1).

riques (FRAH), teve dois objectivos fundamentais:

- prestar homenagem a todos aqueles que, durante séculos, contribuíram com o seu esforço para o domínio de factores adversos, “talhando a majestosa escultura da paisagem duriense”;
- dar um contributo para reforçar e valorizar o Vale do Douro e os seus recursos, estimular novas iniciativas e promover o seu desenvolvimento económico de forma sustentada, de forma a aumentar a expectativa e a esperança das gentes que aí permanecem e vivem.

Foi um longo percurso que teve início com a elaboração de estudos de viabilidade levados a cabo por um consórcio luso-espanhol [...] cujo dossier técnico foi formalmente apresentado à UNESCO em Junho de 2000 (SOUSA, 2007, p. 22-23).

O sucesso de tal candidatura, marcada por um processo de amplo e alargado diálogo, de aproximação de posições, de cedências, de ajustamentos, obrigou à construção de uma nova organização interna, de uma nova ordem, com novos protagonistas e novas regras.

A legitimidade da candidatura foi reforçada através da articulação das valências técnicas, (históricas, culturais e físicas), e de uma progressiva sensibilização e obtenção de consensos junto dos diversos agentes e responsáveis regionais e locais, que reconheceram a importância da proposta de elevar o Alto Douro Vinhateiro a Património da Humanidade.

Do envolvimento gerado ao nível dos responsáveis políticos municipais resultou, posteriormente à decisão da UNESCO, a criação de um Plano Intermunicipal do Ordenamento do Território, de que já falámos e que preservasse a qualidade da paisagem e do património urbano e rural construído (SOUSA, 2007, p. 24).

Trouxe igualmente para dentro dela outras semiosferas, em muitos casos concorrentes entre si.

Os limites a classificar foram definidos em função de entidades físicas identificáveis na paisagem: linhas de água, linhas de cumeada, estradas e caminhos, referenciadas sobre a Carta Militar de Portugal. Assim, a área proposta correspondeu a 24.600 hectares, cerca de um décimo do total da Região Demarcada do Douro (250 000 hectares), e abrange parte dos concelhos de Mesão Frio, Peso da Régua, Santa Marta de Penaguião, Vila Real, Sabrosa, Alijó, Carraceda de Ansiães e Torre de Moncorvo, na margem direita do rio Douro; e Lamego, Armamar, Tabuaço, S. João da Pesqueira e Vila Nova de Foz Côa, na margem esquerda (SOUSA, 2007, p. 27).

Não obstante o sucesso do caminho percorrido até ao momento, importa perceber que os desafios irão continuar a existir, dependendo o futuro da RDD, ou seja, desta semiosfera, de todos. Dos seus momentos de estabilidade, mas também de instabilidade, da sua homogeneidade, mas também heterogeneidade, dos movimentos do núcleo para a periferia e da periferia para o núcleo, mas, sobretudo, da sua capacidade de se relacionar com o que se encontra fora da semiosfera, de interpretar a sua linguagem, os seus sinais, de os trazer para dentro da sua semiosfera, e, desta forma, mantê-la viva, dinâmica e em constante mutação.

A classificação de um bem não é um título intocável, pode não ser permanente. Existem diversos processos que correm no Centro do Património Mundial da UNESCO, de bens que entram na lista de “bens em perigo”, cuja resolução segue as orientações estabelecidas na já citada Convenção do Património Mundial, Cultural e Natural. O estatuto de Património Mundial não é, portanto, um dado adquirido, um status ganho e inalterável (RAMOS & FONSECA, 2014, p. 2-3).

Notas de conclusão

O objetivo deste trabalho era o de analisar e interpretar a extraordinária Região Demarcada do Douro,

e, recorrendo à teoria semiótico-cultural de Iuri Lotman, nomeadamente à luz da semiosfera lotmaniana, responder a diversas questões: como vive a região o seu dia a dia, como se organiza, que relações são estabelecidas dentro dela e fora dela, como se concretizam, como e quem detém o poder, que momentos na sua história causaram mudanças, quais os seus efeitos, como influenciaram o seu desenvolvimento?

Começamos por apresentar o pensamento de Lotman, abordando brevemente o seu percurso e evolução, para nos determos depois na semiosfera, abordando em especial conceitos essenciais como a fronteira, centro e periferia, explosões e tradução.

Após esta primeira parte, apresentámos o Alto Douro Vinhateiro, nomeadamente a sua evolução histórica, as suas características principais, a sua organização e os seus atores. Ao longo dessa descrição fomos estabelecendo paralelos com o pensamento de Lotman, que constituem eles próprios as principais conclusões deste trabalho, e que por isso não iremos aqui repetir, interpretando esta região entendendo-a como uma semiosfera.

Identificámos na sua estrutura, na sua organização, na sua vivência, nas relações que se estabelecem dentro dela e fora dela, as principais características do pensamento de Lotman, nomeadamente ao nível das fronteiras, do centro e da periferia, das explosões e da tradução. Mas apontamos igualmente o caminho a seguir pela Região no futuro, à luz dos princípios da semiosfera lotmaniana.

Estamos certos que este trabalho assumiu um papel completamente inovador, ao integrar uma profunda revisão de literatura acerca de Iuri Lotman, analisando, interpretando e condensando os múltiplos olhares de diversos autores à sua obra, mas sobretudo por ter como principal objetivo a análise e interpretação de uma região geográfica, e cultural, à luz do pensamento de Lotman.

Referências bibliográficas

- BAPTISTA, M. M. Comunicação Intercultural e Lusofonia – a perspectiva da semiótica da cultura. In H. Sousa, S. Marinho, & R. P. Rocha (Eds.), **Anuário Internacional de Comunicação Lusófona**, 2008, p. 11–20. Braga: Lusocom/Sopcom/CECS.
- BIEDARIEVA, S. The Street Artist as Translator. **Space and Culture**, 19(1), 2016, p. 4–14. <https://doi.org/10.1177/1206331215579752>
- GHERLONE, L. Semiotics and interdisciplinarity: Lotman's legacy. **Sign Systems Studies**, 41(4), 2016, p. 391–403. <https://doi.org/10.12697/SSS.2013.41.4.01>
- GHERLONE, L. Vygotsky, Bakhtin, Lotman: Towards a theory of communication in the horizon of the other. **Semiotica**, (213), 2016, p. 75–90. <https://doi.org/10.1515/sem-2015-0031>
- HENN, R. A Semiodiversidade diante da Irreversibilidade do Tempo. **Intercom**, NP 15, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, UERJ, CD-ROM, 2005, p. 1–12.
- Kirchof, E. R. Yuri lotman e semiótica da cultura. **PRÁKSIS - Revista Do ICHLA**, 2005, p. 63–72.
- LAGOPOULOS, A. P., & Boklund-lagopoulou, K. Semiotics, culture and space. **Sign Systems Studies**, 42(4), 2014, p. 435–486.
- LOURENÇO-GOMES, L., Pinto, L. M. C., & Rebelo, J. Wine and cultural heritage. the experience of the Alto Douro Wine Region. **Wine Economics and Policy**, 4(2), 2015, p. 78–87. <https://doi.org/10.1016/j.wep.2015.09.001>

- MEDEIROS, A. Semiótica da Cultura: A Semiosfera de Yuri Lotman aplicada ao universo do personagem Miguilim de João Guimarães Rosa. **Convenit Internacional**, 20 jan-abr, 2016, Cemoroc-Feusp / IJI - Univ. do Porto (pp. 61–72).
- MERRELL, F. Iúri Lótman, C. S. Peirce e semiose cultural. Galáxia. **Revista do Programa de Pós-Graduação Em Comunicação e Semiótica**, (5), 2003, 163–185.
- NOTH, W. Yuri Lotman on metaphors and culture as self-referential semiospheres. **Semiotica**, 161(1/4), 2006, p. 249–263. <https://doi.org/10.1515/SEM.2006.065>
- PILSHCHIKOV, I., & Trunin, M. The Tartu-Moscow School of Semiotics: A transnational perspective. **Sign Systems Studies**, 44(3), 2016, p. 368–401.
- RADFORD, L. Connecting theories in mathematics education: challenges and possibilities. **ZDM Mathematics Education**, 40, 2008, p. 317–327. <https://doi.org/10.1007/s11858-008-0090-3>
- RAMOS, C.; FONSECA, G. Interpretação do Significado de Paisagem Cultural: O valor da chancela UNESCO no caso do ALTO DOURO VINHATEIRO. In **Anais do Seminário “Alto Douro Vinhateiro: Território de Ciência e Cultura - UTAD**, 25 e 26 de junho de 2014 (pp. 1–15).
- REBELO, J. Os acontecimentos mediáticos como actos de palavra. **Revista Científica de Información y Comunicación**, (3), 2006, p. 17–28.
- REBELO, J.; CALDAS, J. The Douro wine region: A cluster approach. **Journal of Wine Research**, 24(1), 2013, p. 19–37. <https://doi.org/10.1080/09571264.2012.717220>
- ROSÁRIO, N. M.; AGUIAR, L. M. (2014). IMPLOÇÃO MIDIÁTICA: corporalidades nas configurações de sentidos da linguagem Implosion media : corporalities settings of meanings of language. **Significação**, 41(42), 2014, p. 166–185.
- SEMENENKO, A. Homo polyglottus: Semiosphere as a model of human cognition. **Sign Systems Studies**, 44(4), 2016, p. 494–510.
- SILVA, A. L. V. da. Análise semiótico e discursivo dos filmes Deus e o diabo na terra do Sol e O dragão da maldade contra Santo Guerreiro, de Glauber Rocha. **Revista Internacional de Cultura Visual**, 3(2), [s/d] p. 141–150.
- SOUSA, F. de. 2007, O Alto Douro . Da Demarcação Pombalina à Classificação. **População e Sociedade**, (13), 2007, p. 19–30.
- STEFFENS, J., & DANTAS, S. de S. (2016). Luhmann, Lotman e o problema da fronteira: uma reflexão teórico-crítica em torno das categorias de inclusão e exclusão. **Revista de Ciências Humanas**, 50(2), 2016, p. 354–374.
- TAMM, M. Introduction: Semiotics and history revisited. **Sign Systems Studies**, 45(3/4), 2017, p. 211–229.
- TOROP, P. Semiotics of cultural history. **Sign Systems Studies**, 45(3/4), 2017, p. 317–334.
- VÓLKOVA AMÉRICO, E. (2013). Iúri Lotman: entre biografia e obra. **Revista de Literatura e Cultura Russa**, 2(2), p. 67–86. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.11606/issn.2317-4765.rus.2013.88690>
- VÓLKOVA AMÉRICO, E. A SEMIÓTICA DA CULTURA NO DIÁLOGO LOTMAN-ECO. **Itinerários**, (43), 2016, p. 15–27.
- VÓLKOVA AMÉRICO, E. O conceito de fronteira na semiótica de Iúri Lotman. **Bakhtiniana: Revista de Estudos Do Discurso**, 12(1), 2017, p. 5–20.

Recebido em 11/03/2019.

Aceito em 24/04/2019.